



Ciro de Oliveira Gonçalves

71

Psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO); Pós-Graduando em Terapia de Casais e Famílias pelo Centro de Atendimento e Estudos em Psicodrama CAEP e PUC-GO; Psicoterapeuta do Centro de Atendimento e Estudos em Psicodrama (CAEP-GO).

Vannúzia Leal Andrade Peres

Professora e pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e Centro de Atendimento e Estudos em Psicodrama (CAEP-GO); pós-doutoranda pela Universidade de Brasília (UnB); Psicodramatista e terapeuta de casais e famílias pela Sociedade Goiana de Psicodrama (SOGEP).

O PSICODRAMA NA UNIVERSIDADE: CONTRIBUIÇÕES MORENIANAS À PSICOTERAPIA EM UMA CLÍNICA-ESCOLA

RESUMO

Diante da visibilidade da polarização do debate acadêmico, marcada de um lado pelo paradigma behaviorista e, de outro, pelo psicanalítico, este texto tem como intuito trazer os resultados de uma reflexão feita em uma clínica-escola de Psicologia sobre as contribuições de J. L. Moreno à psicoterapia, nas suas considerações sobre o tempo, o espaço, a realidade e o cosmo, especialmente marcadas por psicodramatistas contemporâneos. A análise e a interpretação dos resultados de um atendimento realizado no decorrer dos Estágios I e II, na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, reafirmam a riqueza da criação moreniana e apontam para o valor da construção de um debate, no espaço de formação do psicólogo, em que se sustente a contribuição dos vários saberes da ciência psicológica, na tensão de suas contradições e similaridades.

PALAVRAS-CHAVE

Clínica-escola, estágio em Psicologia, debate acadêmico, psicoterapia, psicodrama.





ABSTRACT

Faced with the visibility of the polarization of academic debate, marked on one side by behaviorist paradigm, and another by psychoanalysis, this text aims to bring the results of a reflection done in a clinical school of Psychology on the contributions of J. L. Moreno psychotherapy, in its consideration of the time, space, reality and the cosmos, especially marked by contemporary psychodrama. The analysis and interpretation of results from a service performed in the course of Stages I and II, at the Pontifícia Universidade Católica of Goiás, reaffirm the richness of Moreno's creation and point to the value of building a debate in the area of education of the psychologist, where he maintains the contribution of various types of psychological science, the tension of their contradictions and similarities.

KEYWORDS

School clinic, stage in Psychology, academic debate, psychotherapy, psychodrama.

INTRODUÇÃO

O debate acadêmico relacionado à psicoterapia na clínica-escola de Psicologia vê-se, por vezes, polarizado. De um lado, uma perspectiva mais diretiva quanto à configuração da relação terapêutica, representada pelo paradigma behaviorista, atenta às demandas modernas de tempo e objetividade, colocando-se como legítima por se construir recoberta pelos desígnios positivistas de ciência. Em outro flanco, em uma posição não diretiva está o paradigma psicanalítico e suas várias correntes, em um espaço e inserção social até mesmo míticos, erigidos pelo impacto da antropologia freudiana, no início do século XX. Entretanto, serão esses os únicos caminhos e descaminhos para proposição de uma clínica psicológica? E o humanismo? Por que não o Psicodrama?

Este trabalho tem como objetivo trazer os resultados de uma reflexão acerca das contribuições morenianas à psicoterapia, em suas considerações sobre o tempo, o espaço, a realidade e o cosmo, especialmente marcadas por psicodramatistas contemporâneos (FOX, 2002; NAFFAH NETO, 1997; MESQUITA, 2000; FONSECA, 2008), a partir dos quais se faz um diálogo com a prática propiciada pelos Estágios I e II (2010) na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, visando não à pretensa configuração ou reconfiguração de mais um polo nesta disputa, mas, simplesmente pela





riqueza da criação de Moreno, o valor da construção de um debate, assim como exposto por Morin (2005), em que se sustenta a contribuição dos vários saberes da ciência psicológica, na tensão de suas contradições e similaridades.

O Psicodrama é a expressão da inquietude de J. L. Moreno (1892-1974), psiquiatra de fundamentação humanista, diante dos modelos científicos e das exigências sociais de seu tempo, rigidamente estruturados, sem liames para revisão e recriação (GUIMARÃES, 2002).

Historicamente, seu nascimento deu-se a partir do Teatro Espontâneo ou Teatro de Improvisação, criado por Moreno, em Viena no ano de 1921. Sua proposta rompia com os modelos teatrais da época, pois a encíclica moreniana era que tudo fosse improvisado e criado no momento. (NAFFAH NETO, 1997).

Desde o início, o objetivo do psicodrama é a construção de um espaço terapêutico que utilize a vida como parâmetro, integrando seus quatro elementos universais, o tempo, o espaço, a realidade e o cosmo (FOX, 2002).

No entanto, qual é a função do tempo na psicoterapia? O psicodrama, voltado para a ação lúdica estabelecida pelo jogo de papéis, pode abrigar uma discussão sobre o espaço e a realidade no *setting*? Quais são os benefícios de enfatizar um conceito como cosmo que perigosamente aproxima-se do misticismo tão repudiado pelo modelo científico de então?

O TEMPO PRESENTE

Ao problematizar o conceito de tempo em sua dimensão terapêutica, o psicodrama procura superar o que Moreno considerou uma visão unilateral da psicanálise, que supervaloriza o passado. Sem desconsiderar sua importância, o passado é uma faceta do tempo e interessa ao psicodrama a integração do tempo ido, do presente e do futuro (FOX, 2002).

O tempo presente começa a ser enfatizado – o “aqui-e-agora”, o momento –, contudo, não apenas como uma consideração fenomenológica ou filosófica, mas do ponto de vista do processo terapêutico, da relação, da conexão entre terapeuta e paciente e entre pacientes nas terapias de grupo: o encontro (FOX, 2002).

Em oposição ao conceito de transferência, uma maneira de relacionar-



se com o outro mediado por um protótipo, a atenção moreniana está sobre o fenômeno descrito como tele, expressão de um processo em que há uma abertura ao outro que dialeticamente se desdobra em uma abertura do outro, configurando uma relação em que ambos os sujeitos partilham de um conhecimento mútuo profundo. O encontro moreniano é essencialmente télico (NAFFAH NETO, 1997).

ESPONTANEIDADE COMO FUNÇÃO DO TEMPO PRESENTE

A espontaneidade, conceito-chave na proposta psicodramática, pois, relacionada aos processos de saúde e adoecimento, surge também como função do momento presente (NAFFAH NETO, 1997).

Em sua definição operacional, Moreno (1975/2008) retrata a espontaneidade como a capacidade de responder de maneiras adequadas a situações que se mostrem novas ou de dar novas respostas às situações antigas.

Todavia, adequação na teoria moreniana não se refere a uma simples observação de aspectos exteriores e conseqüente acomodação em seus parâmetros. Trata-se da capacidade de reconquistar, através da ação, a relação de interioridade e de sentido que caracteriza a relação sujeito-mundo, nas circunstâncias em que ela é cindida. A espontaneidade configura-se como a capacidade de abrir-se perceptivamente, ampliando as dimensões espaciais e temporais e resgatando pela ação criativa a continuidade de sentido do mundo em movimento. É fazer-se presença, resgatar-se como agente da situação. Portanto, a relação é, acima de tudo, de compromisso e não de ajustamento (NAFFAH NETO, 1997).

[...] se a espontaneidade existe em conformidade com o momento presente, se o corpo está sempre inserido no atual, formando uma continuidade indivisa de sentido com o mundo que o cerca, é porque ele é uma abertura, não só ao espaço, mas à temporalidade, à duração. E se a ação espontânea não repete o passado, não é um produto de sua história, é por que ela é um esforço para superá-la, de recuperá-la e de transformá-la conforme a situação atual; ela é um exercício de liberdade. Nesse sentido, viver no momento presente não significa no momento puro – o momento puro é apenas uma abstração – mas ser capaz de recuperar o passado em função do presente, reorganizar os



horizontes temporais em torno de um núcleo sempre presente [...]. (NAFFAH NETO, 1997, p. 60).

As conservas culturais, caracterizadas pelas tradições de uma sociedade, como mitos, crenças, hábitos de linguagem, repetitivos e massificantes, que estruturam formas de ser, podem configurar-se como um entrave à continuidade de sentido sujeito-mundo, por negarem o movimento constante que marca essa relação (MESQUITA, 2000).

Considerando a espontaneidade e a criatividade como elementos constitutivos do humano, que possibilitam aos sujeitos se lançarem nesse fluxo contínuo que marca seu existir, o psicodrama auxilia através da ação lúdica do jogo de papéis a retomada da espontaneidade enquanto prontidão para o ato e a criatividade, enquanto ação no mundo e em si, sob o olhar do outro, que proporciona a dimensão do social, do cultural, do compartilhamento, do contextualizado (MESQUITA, 2000).

A catarse de integração, ápice desse processo, “representa um momento no qual ocorre toda uma reorganização no sentido de existir, oriunda da expressão e da explicitação de uma estrutura oculta, desconhecida, mas presente [...] e cuja revelação produz uma nova síntese existencial” (NAFFAH NETO, 1997, p. 98).

SOBRE O TEMPO FUTURO

O futuro é outra dimensão do tempo terapêutico destacada pelo psicodrama e negligenciada em outras formulações (FOX, 2002).

Possibilitar que o paciente imagine seu futuro, mobilizado por suas fantasias, desejos e esperanças ou faça uma representação dramática de seus projetos mais importantes, levando-o, a valorizar o que pode ocorrer, é dar-lhe poder (CRELIER, 1993).

No cenário psicodramático, a ênfase é para o presente com a possibilidade de abertura para o novo. Não importa somente à revelação do passado. Essa perspectiva é um convite à comunicação transformadora, é uma tentativa de “desintelectualizar” e oportunizar um contato mais verdadeiro, afetivo (FONSECA, 2008).

O ESPAÇO TERAPÊUTICO

O conceito de espaço ganhou pouco destaque nas psicoterapias, novamente não semântica ou psicologicamente, mas como parte do processo terapêutico. A centralização na linguagem coaduna para tornar



secundária a área do setting que não está diretamente ligada à fala e à escuta (FOX, 2002).

Para Anzieu (1961), no psicodrama o homem está naquilo que faz e não no que oculta. Centralizado na ação, o psicodrama procura criar uma terapia do espaço, há uma busca do espaço concreto vivido, faz-se questão de obter, quando no setting, uma descrição e uma delimitação do paciente, uma concretização do espaço no qual a cena deve ser representada, suas dimensões, os objetos que a configuram, suas distâncias e seu relacionamento com esses elementos. Logo, com seu envolvimento, o espaço descrito e suas configurações tornam-se parâmetro para todo o *setting* (FOX, 2002).

A REALIDADE

A terceira modalidade universal enfatizada pelo psicodrama, a realidade, é uma tentativa de superar o abstrato, tomar a realidade da vida cotidiana em si mesma como possível de concretização direta no *setting*. Possibilita na situação terapêutica que a realidade possa ser experimentada, simulada, com a finalidade de desenvolver e expandir formas de ação e tomar contato com suas possíveis consequências (FOX, 2002).

Entretanto, Moreno vai além. No psicodrama, o paciente é convidado a compartilhar seu mundo privado, a dar vida, a concretizá-lo, não importa quanto seja idiossincrático: validando assim sua forma de expressão e relação com o mundo. Criticada por estimular as fantasias do paciente, a prática moreniana respondia que não era negando o outro que abriríamos caminho para o progresso terapêutico, confirmando-o, daríamos o primeiro passo para um encontro significativo, sem o qual nenhum êxito seria possível (FOX, 2002).

Inspirado no conceito de surplus value, utilizado por Marx (1979), indicando os ganhos adicionais do trabalho apropriados pelo capitalista, Moreno, segundo Fox (2002), criou um termo análogo, o conceito de realidade suplementar. Em contexto terapêutico, trata-se de lançar mão de procedimentos e técnicas (instrumentos suplementares) que possibilitem ao paciente explicitar e acessar determinadas dimensões ocultas ou não totalmente experimentadas ou expressas (*surplus reality*).

A inversão de papéis é uma das técnicas de realidade suplementar mais utilizada no psicodrama; nela, por exemplo, cônjuges poderão assumir, a partir da inversão, o lugar do outro, o marido no papel da



esposa e a esposa no papel do companheiro, não uma inversão apenas nominal, mas uma experiência profunda do outro, capaz de possibilitar o conhecimento de sentimentos e padrões de comportamento até então desconhecidos (FOX, 2002).

Assim, a noção de realidade no psicodrama traz o sujeito como seu construtor através da ação no mundo e significada através do outro, em um movimento que implica interação. A realidade é construída por intermédio do lúdico, que se concretiza pela ação de representar, todavia, representar enquanto ação dramática e não como epifenômeno, ou seja, algo que está no lugar de outra coisa. Nesse movimento, o sujeito estará “implicado integralmente no seu fazer, seja pela palavra, pelo sentir, pelo gestual do corpo, pela expressividade plástica, assim como o olhar do outro através do encontro, do compartilhar” (MESQUITA, 2000, p. 37).

O COSMO

A conceituação sobre o cosmo é uma tentativa, do ponto de vista epistemológico, de superar a dicotomia nas formulações psicológicas e filosóficas, que ora sublinham o indivíduo e colocam o grupo como epifenômeno, ora com holofotes para o homem social, desprezando a complexidade do sujeito (FOX, 2002).

Suas formulações sobre o cosmo, quais sejam, uma reflexão sobre o lugar do sujeito no mundo diante de seu processo de nascimento, criação, desenvolvimento, sexo e morte, têm ligações diretas com sua fase mística. Crítico de concepções que apregoavam uma relação vertical, hierárquica, distante de Deus, Moreno concebia uma relação horizontal, próxima, que não acentua a fragilidade do ser humano, mas, pelo contrário, lembra-o de seu poder, a criatividade, a ação transformadora (FONSECA, 2008).

De certa maneira, essas concepções levam Moreno ao estudo das microsociedades, destacando a dinâmica dos pequenos grupos, pois neles os sujeitos não estariam diluídos, sem rostos, como em um contexto social amplo e, ao mesmo tempo, não estariam alheios a esse contexto, fora de sua dimensão maior (FONSECA, 2008).

Em suas implicações terapêuticas, a cosmodinâmica referenda os indivíduos como sujeitos e não como objetos em suas relações, marca um elemento comum ao mundo psicodramático: a possibilidade transformadora, a qual aliada ao lúdico, à espontaneidade, em um espaço concreto que sublinha o tempo presente, em que sua fantasia



não é rechaçada, empodera os sujeitos, permite-lhes caminhar frente ao inexorável (FOX, 2002).

Não há morte no psicodrama. O não nascido e o morto adquirem vida no palco [...] Uma mulher que gostaria de ter nascido homem pode representá-lo [...] e assim corrigir as injustiças do universo, como ela as percebe. Em situação inversa, um homem pode representar uma mulher. Um velho pode representar uma criança e corrigir dessa forma, a perda da infância ou experimentar a infância que ele sente que nunca teve. Anatomia, fisiologia e biologia não contam. O que importa é a expansão do homem em relação às necessidades e às fantasias que ele tem a respeito de si mesmo. Ele se torna o senhor de sua anatomia e fisiologia, em vez de servo (MORENO, 1966, citado por FOX, 2002, p.41).

Dessa forma, Moreno expressa sua crença no poder criador da fantasia e da imaginação, capaz de revelar, pelo próprio movimento a realidade da qual é testemunha e transcendê-la nesse mesmo movimento (NAFFAH NETO, 1997).

Assim, o lado cósmico do ser humano em Moreno não é, portanto, “sua coincidência tanto mais perfeita ou tanto mais completa como uma Totalidade Divina, mas sua capacidade de se lançar nesse movimento de autossuperação infinito, esse sem-fim que é o próprio Deus moreniano” (p. 88), uma abertura, um vir a ser que não instaura nenhuma positividade, movimento destituído de atributos, pois em si é a superação contínua de qualquer um deles com que se tencione nominá-lo (NAFFAH NETO, 1997).

BASES PSICODRAMÁTICAS: MATRIZ DE IDENTIDADE E TEORIA DE PAPÉIS

O espaço simbólico, físico e afetivo formado pela inter-relação do bebê e de seus cuidadores, que marca o início do processo de desenvolvimento humano, é descrito por Moreno como matriz de identidade. É caracterizada por três momentos: duplo, espelho e inversão, no qual o sujeito vai de um universo indiferenciado, cósmico, passando ao reconhecimento do EU-TU, a diferenciação entre fantasia e realidade com a formação da brecha, por fim, vem a concretizar a capacidade de uma relação humana de reciprocidade e mutualidade com a inversão de papéis, ponto alto do desenvolvimento do processo télico (MORENO, 1975/2008).



É na matriz de identidade que também acontece o início do processo de desenvolvimento de papéis. Três tipos básicos são enumerados por Moreno (1975/2008), os psicossomáticos, os sociais e os psicodramáticos.

Os papéis psicossomáticos definem basicamente as funções biológicas da espécie, contudo, não como mero automatismo fisiológico, pois não são totalmente estruturados por modelos filogenéticos, mas exigem certa dose de improvisação e espontaneidade em sua configuração de esquemas de ação (NAFFAH NETO, 1997).

Os papéis psicodramáticos definidos em alguns textos como a expressão do mundo da fantasia e da imaginação, contrapostos aos papéis sociais, designativos dos papéis da realidade, das relações sociais, definem, segundo Naffah Neto (1997), “exatamente a emergência do potencial criativo do sujeito, e como tal a concretização da imaginação criadora possibilitada e catalisada pela espontaneidade” (p. 211).

Portanto, os papéis psicodramáticos, antes de uma oposição aos papéis sociais, seriam a expressão de uma nova síntese entre imaginação e ação, marcando o fim da clivagem entre sujeito-mundo, a “retomada do sujeito como existência una” (NAFFAH NETO, 1997, p. 212).

PANORAMA DA CLÍNICA PSICODRAMÁTICA

Originalmente criado com uma perspectiva de trabalho em grupo, o psicodrama foi ganhando outras roupagens e se fortificou na psicoterapia bipessoal, (terapeuta-paciente) e individual (terapeuta-ego auxiliarpaciente). Contudo, a falta de aval de Moreno para esse tipo de terapia leva o psicodramatista a uma espécie de angústia em seu *setting* individual (FONSECA, 2000).

Essa angústia é, sobretudo, técnica, uma vez que a riqueza da produção moreniana e seu manancial de manejos terapêuticos são desenvolvidos com vistas ao trabalho grupal, e é nele que a ação, característica fundamental do psicodrama, se desenrola facilmente (CUKIER, 1992).

Moreno estava demasiadamente comprometido com um enfrentamento à psicanálise, a qual considerava um método de trabalho avesso a sua proposta. Essa posição não o permitia cogitar, quanto mais avaliar uma proposta de psicodrama individual ou bipessoal (CUKIER, 1992).

Mais ou menos confortáveis em seu processo de criação no e sobre o enquadre de sua atuação no *setting*, os psicodramatistas não se furtam



a agregar novas formas de atuação. São assim as propostas do próprio Fonseca (1973) e (2000) com o uso de plaquetas e anéis para a construção de imagens simbólicas, a psicoterapia da relação e o psicodrama interno, à utilização de almofadas em Bustos (1975) e Cukier (1992), a proposta de Kaufman (1978) com o psicodrama com brinquedos e a dramatização através de desenhos, apresentada por Altenfelder Silva Filho (1981).

Todos, contudo, procuram guardar a diretriz moreniana de tomar a vida como parâmetro para o setting, em sua dimensão de tempo, espaço, realidade e cosmo, da ação lúdica, sob uma noção de desenvolvimento humano prospectiva.

MÉTODO

Trabalhou-se com o método psicodramático de J. L. Moreno, isto é, com a ação lúdica do jogo de papéis visando o desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade, ou seja, de novos sentidos na relação sujeito-mundo (MESQUITA, 2000).

Contudo, o método moreniano configura-se como um fundamento para a construção psicoterapêutica e não como elemento rigidamente estruturado, uma vez que a expressão/ estética/ dinâmica da clínica se dá, de fato, através da relação entre terapeuta e cliente.

Cinco elementos compõem o método: o palco/tapete, que traz a marcação de realidade suplementar (“como se”); o protagonista/cliente convidado a expressar livremente seu drama; o diretor/terapeuta, responsável por transformar em ação dramática a expressão do sujeito, acolhendo-o e/ou desafiando-o, criando, refutando e recriando hipóteses; os egos auxiliares, extensões do sujeito, que representam elementos reais ou imaginários de seu drama vital, função assumida pelo terapeuta na psicoterapia bipessoal; e a plateia/grupo que traz a dimensão do social (FOX, 2002).

A construção das informações e o entrelaçamento/reflexão teoria e prática, ambos, presentes em todo o processo de supervisão de estágio, foram feitos a partir de estudo de caso único, de uma terapia bipessoal.

A participante foi selecionada a partir dos prontuários de triagem da clínica-escola de Psicologia da PUC-GO (CEPSI), seguindo proposta inicial de atendimento de adolescentes e adultos jovens.

As sessões foram realizadas em uma sala de atendimento, que continha uma mesa com quatro cadeiras, um armário, uma mesa pequena,



colchonetes, um tapete grande com almofadas de diferentes cores e tamanhos, no período de março a dezembro de 2010, em um total de 26 sessões, sendo uma sessão semanal, com duração de duas horas.

CLIENTE

Clara (nome fictício), sexo feminino, 21 anos, estudante universitária, classe média. Clara mora com os pais, o irmão mais velho e a avó materna em Goiânia. Chegou ao CESPI com queixa de “baixa autoestima”, relacionando sua tosse e alergia constantes ao estresse no trabalho e às dúvidas quanto a sua formação e carreira profissional.

Ela está no último período de seu curso. É talentosa, e obteve premiações acadêmicas e trabalhos selecionados para importantes congressos de sua área.

Tem interesse por arte, teatro, dança, música e cinema, e participa de atividades como ioga, teatro, pilates e academia.

PROCEDIMENTOS

A sessão psicodramática é dividida em três etapas: o aquecimento, a dramatização e o compartilhar (MORENO, 1975/2008).

No aquecimento (*warming up*) trabalha-se com a ideia de aleatoriedade, através de jogos que envolvem a linguagem verbal, do corpo e da imaginação (MESQUITA, 2000).

Subdivide-se em dois momentos, o aquecimento inespecífico: no qual se busca a temática do encontro, a via objetiva de construção de sentido da relação sujeito-mundo; e o aquecimento específico que marca a transição à dramatização e explora através de processos técnicos a temática emergente, com a preparação do protagonista para o desempenho dos papéis implicados nas cenas dramáticas (NAFFAH NETO, 1997).

Na dramatização, alguma situação já adquiriu significado para o protagonista e o grupo. Sua função é reconstruir sentidos, recriando, através da ação espontânea, papéis rigidamente desempenhados (NAFFAH NETO, 1997).

O compartilhar, ou *shering*, busca contextualizar a situação, trazer a dimensão do social através da troca, as impressões e as reflexões sobre a cena dramatizada. É parte significativa do processo de gerar novos sentidos (MESQUITA, 2000).



RESULTADOS E DISCUSSÃO

CONTEXTUALIZANDO O PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

No início de seu processo psicoterapêutico, as referências de Clara ao irmão surgiam sempre em expressões positivas como “articulado”, “seguro”, “pra cima”, “bem humorado”, características contrapostas às que ela vinha apresentando, “insegurança”, “estresse”, “irritação”, “indisposição”. Se, por um lado, em algumas sessões o irmão representava um exemplo a ser seguido, um símbolo de segurança, por outro, em outras sessões, Clara revivia cenas em que procurava sustentar suas diferenças perante seu irmão. Assim, em tomadas de papel, surgiam discussões, por exemplo, sobre estilo de música, projetos de vida, escolha da rádio, do lugar para sair.

Ele ocupava na dinâmica familiar, segundo Clara, um espaço privilegiado, com maior autonomia, como usar o carro, dormir fora e ter menos responsabilidades com atividades de casa, como lavar louça, arrumar o quarto etc. Seu comportamento era de certa forma, exaltado pelos pais, enquanto o de Clara era contestado.

No recorte seguinte, Clara chegou à terapia se dizendo ansiosa para contar um sonho “muito estranho” tido na noite anterior. O terapeuta procurou acolhê-la, demonstrando interesse e propôs então que em vez de contá-lo pudessem representá-lo no “como se fosse”, o que Clara consentiu.

Com a temática já explicitada, a sessão transcorreu com a utilização da técnica do onirodrama. O aquecimento inespecífico foi realizado através do caminhar e de consignas do terapeuta para que a cliente deixasse surgir imagens do dia que antecedeu o sonho, do acordar até o momento de dormir. O aquecimento específico se fez na montagem do quarto, no deitar-se para dormir e fazer uma imagem do sonho, para então levantar-se e iniciar a representação onírica...

RECORTE DA SESSÃO

Participantes: Terapeuta (T) e a cliente Clara (C).

T: Onde você está agora?

C: Estou próxima da minha família, aqui (aponta com o dedo) estão eles e um amigo de escola, gordinho, não sei o que faz aqui. Logo ali passa o rio, meu irmão está lá no meio em cima de uma pedra dizendo alguma



coisa, uma palestra. Ao lado dele há um buraco negro, não sei explicar ao certo, um redemoinho na água... Minha mãe parece um pouco apreensiva, acho que pelo lugar onde o Júlio (irmão) está, meu pai presta atenção e o gordinho, não consigo lembrar o nome dele, também.

T: O que diz seu irmão?

C: Eu não entendo.....eu não ligo para o que ele esta dizendo. *Tô* alheia. Meus pais estão ouvindo, estão olhando para ele.

T: Escolha alguém na margem do rio para assumir a posição.

C: Minha mãe (indo para posição da mãe).

T: Olá, Dona Sara. Como vai?

C: (no papel da mãe, Sara): Estou preocupada com o Júlio ali naquele lugar.

T: Quer falar alguma coisa para ele?

C (no papel da mãe): Toma cuidado meu filho!...

T: O que ele está fazendo, por que está ali?

C (no papel da mãe): Ele esta no lugar dele mesmo. Fico preocupada, mas o Júlio é assim, ele enfrenta as coisas.

T: E a Clara, como é?

C (no papel da mãe): A Clara é diferente.

T: Sim, são pessoas diferentes. Como a senhora os percebe?

C (no papel da mãe): O Júlio chega num lugar conversa com todo mundo, cheio de brincadeiras, piadinhas, gosta de sair. A Clara já passa muito tempo no quarto estudando, mas agora ela está fazendo terapia.

T: É. O que a senhora espera que ela consiga na terapia?

C (no papel da mãe): Ficar mais calma com as coisas...

T: Ok. Sobre o que o Júlio está falando?

C (no papel da mãe): Acho que deve ser alguma coisa sobre política, ele faz parte, sabe.

T: Certo. Gostaria de dizer mais alguma coisa?

C (no papel da mãe): Não, ficarei aqui atenta a ele.



T: Volte para sua posição Clara.

C: (voltando para sua posição).

T: Agora poderia trocar de posição com seu irmão?

C: (faz que sim com a cabeça e assume a posição do irmão).

T: O que você faz aí?

C (no papel do irmão): Estou discursando para eles. Sabe, eu sempre tive facilidade para falar, articular, motivar as pessoas.

T: Deve ser bom ter essas características. Sobre o que você fala?

C (no papel do irmão): Falo sobre muitas coisas, mas o importante é como falar sabe.

T: Bem, como você chegou até aí? Parece difícil, e sua família está do outro lado.

C (no papel do irmão): Não sei bem, mas não tenho muito medo, acho que não seria problema chegar aqui.

T: Ah, continue falando então.

C (no papel do irmão): (gesticula, como se discursasse, mas apenas balbucia, abrindo e fechando a boca).

T: Ok. Volte para seu lugar, Clara.

C: (voltando para seu lugar).

Seguiram-se outras tomadas de papéis, como o do pai, o do gordinho e o do buraco negro, para explorar outros aspectos da cena, contudo, suprimidos nessa exposição por não se mostrarem relevantes.

T: O que acontece agora?

C: (olhando para a posição do irmão).

T: Pense alto.

C: É por que... meu irmão não tem a idade de hoje... ele ali é apenas um menino... agora que estou percebendo.

T: Um menino? Quantos anos ele tem?

C: Ele deve ter uns oito anos, mais ou menos. Ham?! O Júlio pulou no buraco negro e desapareceu. Minha mãe e meu pai estão muito



preocupados, o gordinho está tentando ajudar. Acho que é por isso que ele está aqui, na escola ele sempre ajudava, era forte.

T: O que você faz?

C: Não faço nada, é estranho, mas...

T: É estranho você não estar ajudando?

C: É, mas, foi ele quem pulou, deve saber o que está fazendo. Temos de respeitar a escolha dele.

T: Você está respeitando a escolha dele?

C: É. Isso mesmo!

T: Gostaria de mudar alguma coisa, fazer de maneira diferente? Aqui você pode modificar.

C:... não, não. É isso mesmo.

T: Como continua?

C: Agora estou em outro lugar. No sofá da minha casa.

T: Vamos tentar representar aqui. Tente reconstituir e vá dizendo, pensando alto.

C: Pode usar isso? (aponta para o colchonete no canto da sala).

T: Sim, o que você quiser.

Clara vai montando a cena e comentando sobre cada objeto e pessoa e, rapidamente os contornos tomam forma. A sala de sua casa, no sofá ela e o pai conversam e assistem à TV, sua mãe faz algo na cozinha.

T: Ok. Que horas são?

C: É tarde, por volta de 23 horas. Estamos assistindo a algum programa idiota, conversando e, volta e meia, minha mãe participa da conversa, lá da cozinha mesmo.

T: O que se segue?

C: O telefone está tocando. Vou atender (caminhando em direção à representação da mesinha de telefone, ao lado do sofá). Minha mãe já veio da cozinha e ficou olhando, um pouco tensa. – Alô. Como? – É alguém dizendo que tem uma notícia séria.

T: Fale com ele.



C (ao telefone): *Tô* ouvindo, pode falar. O quê? (faz expressão de susto e tristeza, desliga o telefone, olha para representação do pai e da mãe). Mãe,... pai,... o Pedrinho (primo de Clara) morreu... **T**: O que acontece?

C: Minha mãe está transtornada, eu também choro muito, meu pai vai ao telefone ligar para meu tio, termina assim...

T: Clara, vem pra cá.

C: (saindo do espaço dramático).

T: Consegue visualizar a cena?

C: (olhando para a disposição dos objetos como representação, faz que sim com a cabeça).

T: Quer mudar alguma coisa, terminar de outra forma?

C:... não. Acho que não seria eu quem atenderia ao telefone, acho que seria meu pai. Não sei se conseguiria dar essa notícia.

T: Gostaria de mudar?

C: Não, o que estou pensando é que tá estranho. O Pedro é meu primo, têm 11 anos, eu acho (fala olhando para a representação da cena), quase a mesma idade do meu irmão, no meio do rio... ele passou uns dias com a gente, mas não é isso. É esquisito... parece que não foi ele quem morreu... acho que não foi ele quem morreu...

T: Quem morreu?

C: Quem morreu foi meu irmão!... nossa! Foi o Júlio quem morreu! Não era a família do meu tio que deveria receber essa notícia, era a nossa família, a notícia era para nossa família, para avisar meus pais que meu irmão morreu...

A sessão segue com o compartilhar, as impressões de Clara sobre a representação onírica e os sentimentos advindos.

UMA RELEITURA SOB OS CONCEITOS DE TEMPO, ESPAÇO, REALIDADE E COSMO

Tempo Presente

T: Onde você está *agora*?

Da proposta inicial de Clara, de uma narrativa do sonho ocorrido na noite



anterior, foi sugerida a dramatização, no aqui agora, enfatizando o tempo presente, como se o sonho fosse vivido nesse instante. Contudo, o que isso representa? Não seria mero jogar de verbos com pouco significado?

A ênfase no tempo presente com abertura para o novo é relacionada à noção moreniana dos processos de saúde e adoecimento. Valorizar o presente/futuro está intimamente ligado à proposta terapêutica psicodramática de aliança com a saúde, pois implica uma consideração do sujeito, suas possibilidades, sem se prender à decifração de um nexos causal pretérito e linear ligado à queixa e ao sintoma.

Assim o cliente/protagonista vê-se com recursos para caminhar da condição de narrador distante/objeto à condição de autor/sujeito implicado no processo de criação e recriação de si, com a possibilidade de construção de novas narrativas, ampliando os processos perceptivos e gerando novos sentidos na relação sujeito-mundo.

A ação tem parte fundamental nesse processo. Com ela, o sujeito precisa se posicionar em seu espaço, inserir-se corporalmente, organizar e recriar as cenas, além disso, a ação deixa implícita a ideia de movimento e transformação constantes.

O ESPAÇO TERAPÊUTICO

C: Estou próxima da minha família, aqui (aponta com o dedo) estão eles e um amigo de escola, gordinho, não sei o que faz aqui. Logo ali passa o rio, meu irmão está lá no meio em cima de uma pedra dizendo alguma coisa, uma palestra.

Com o processo de aquecimento, o sujeito tende a abrir-se à própria situação e deixa-se penetrar por ela, em uma tentativa de apreender seu movimento e posicionar-se em relação a ele. Entre seu corpo e a situação forma-se uma rede de significações, todos os seus sentidos, cada segmento do seu corpo passam a se articular e rearticular em uma totalidade expressiva (NAFFAH NETO, 1997).

Aquecido, o sujeito constitui o *setting*, marca suas dimensões e seus elementos, suas cores, seu clima, refazendo o espaço concreto vivido.

Com essa perspectiva, o psicodrama promove uma espécie de democratização do espaço terapêutico, pois sua prática não requer adornos e mobílias especiais, seu lugar, lembrando Moreno, pode ser um jardim, uma praça, um campo de refugiados, o salão da comunidade,



seu lugar, mais uma vez sublinhando o empoderamento dos indivíduos, é definido pelos sujeitos.

A REALIDADE

C (ao telefone): *Tô ouvindo, pode falar. O quê? (faz expressão de susto e tristeza, desliga o telefone, olha para representação do pai e da mãe). Mãe... pai... o Pedrinho (primo de Clara) morreu...*

O psicodrama contrapõe-se a uma concepção de realidade objetiva, como verdade essencial e universal, estruturadas em uma lógica finalista de causalidade. No bojo dessa noção, a realidade independe do sujeito e da linguagem. O conhecimento é uma representação correta, uma espécie de cópia da realidade (MESQUITA, 2000).

Nessa perspectiva, quanto maior o número de dados, mais possibilidades de universalizá-los, instaurando assim, um predomínio de análise quantitativa. Trata-se de uma concepção “ahistórica”, descontextualizada, pois funda uma dualidade sujeito/mundo objetivo, verdade universal/verdade singular (MESQUITA, 2000).

Na proposta psicodramática, ao contrário, há uma particularização, uma valorização da forma como o sujeito constitui sua realidade, pois não supõe uma realidade em si, destituída da participação do sujeito (MESQUITA, 2000).

O sujeito é encorajado a vivenciar seu sonho, sua fantasia e seu delírio, pois estes não se configuram como uma antítese da realidade, eles são, antes, uma faceta de sua forma de relação com o mundo.

Nesse sentido, o “como se” e o *carpete* ou *tablado*, que marcam a utilização de procedimentos e técnicas de realidade suplementar com o jogo de papéis e a ação lúdica, antes de uma oposição entre fantasia e realidade, são uma suplica à liberdade do sujeito, para que seus medos, as exigências sociais, possam, ao menos em parte, ser postos de lado e que, desse modo, ele procure pela ação criativa e espontânea, através do olhar do outro, recriar-se, abrir-se a novas possibilidades de ação.

A fantasia e a imaginação, aliadas ao poder criador e à ação espontânea, uma vez que o sujeito é desafiado a todo o momento a responder à própria criação, em sua constituição de cenário e papéis, revelam a trama da construção de sua realidade, a qual poderá transcendê-la pelo próprio movimento.



COSMO

T: Agora poderia trocar de posição com seu irmão?

C (no papel do irmão): Estou discursando para eles. Sabe, eu sempre tive facilidade para falar, articular, motivar as pessoas.

[...]

T: Consegue visualizar a cena?

C: (olhando para a disposição dos objetos como representação, faz que sim com a cabeça).

T: Quer mudar alguma coisa, terminar de outra forma?

Herança de sua fase mística, a antropologia moreniana é marcada fundamentalmente por sua reflexão expressa na cosmodinâmica. Nela, o que salta, o que transcende o contexto, micro e macro histórico, indivíduo/sociedade, ou seja, a dimensão cósmica, é o movimento contínuo, e dele depreende-se a criação e a transformação constantes.

Sua concepção não se pauta na construção de um constructo internalista, de onde induz uma energia criadora, tão pouco exime ou ofusca o sujeito em uma pesquisa sobre o contexto, ela se faz em uma análise e prática da relação sujeito-mundo diante dos processos de nascimento, desenvolvimento, adoecimento, sexo e morte, ou seja, dos marcos de mudança no ciclo vital.

A clínica psicodramática é marcada por essa concepção de mudança, movimento e criação. Acolhe o sujeito, mas procura gerar uma tensão física e conceitual que o leve a não negar esse fluxo contínuo de transformação, tomando parte neste processo, ressignificando-se, construindo e desconstruindo-se em atos, em uma expressão de sua relação com o mundo.

Mais uma vez, a proposta moreniana é posicionar o indivíduo como sujeito de seu processo de saúde e, com auxílio das técnicas de realidade suplementar, na ação lúdica, não terá pudor em desafiar o sujeito a assumir a posição/papel do outro implicado em sua constituição, ou conceder-lhe, no espaço lúdico, o poder de modificar/refazer sua história, possibilitando ampliar sua dimensão perceptiva.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paciente, designado em psicodrama de protagonista, surge como representante de um drama, no qual as máscaras já não mais se sustentam e a decadência de toda uma forma de existir é escancarada (NAFFAH NETO, 1997).

Assim se apresenta Clara, clivada entre as exigências sociais, neste primeiro momento da terapia representada pelo modelo de papel a ela oferecido (máscara), baseado no comportamento do irmão, e sua própria maneira de ser, que ainda se desenha em contornos pouco definidos.

O processo de constituição, dialeticamente de si e do outro, na diferenciação do EU e do TU, ocorre de maneira sofrida, pois tolhida em sua espontaneidade, ousa pouco, e ainda encontra pouca confirmação, em sua família, daquilo que consegue mostrar de si.

Na ação dramática que congrega em seu espaço simbólico – a sociedade, o grupo e o indivíduo –, assim como o verbal, o corporal, o cultural e o jogo, há possibilidade de o sujeito, antes eclipsado, emergir e posicionar-se como ação transformadora.

Na sessão de fechamento do primeiro semestre de 2010, ao assinar o controle de presença, Clara fez a seguinte pontuação:

C: Nossa. Hum! Que tanto de sessões (contando).

T: Acha que são muitas? (Eram 15 sessões).

C: É, porque aqui, olhando pra ficha, parece que vejo o tempo concreto, sabe (deixa a ficha sobre a mesa). Mas tudo bem, meu conceito de terapia mudou do começo pra cá.

T: Ah é? O que mudou?

C: Hum... antes, eu pensava que vinha aqui pra chorar, que seria pesado, falaríamos de doença sabe e que você tiraria os meus problemas. Agora, acho que é meio um processo.

T: E como é “ser meio um processo”?

C: É bom. Porque posso chorar, posso rir, eu gosto das dinâmicas (olhando para o carpete)... eu nem sei bem por que, mas eu estou melhor.

A proposta moreniana guarda formulações sobre o tempo, o espaço, a realidade e o cosmo na psicoterapia pouco exploradas em outras



formulações. São contribuições que têm em seu bojo uma concepção de desenvolvimento humano prospectivo, reveladas em sua crença no poder criador e a ação transformadora, que provém de uma prática comprometida com a emancipação do sujeito, através do jogo de papéis e do lúdico.

Retomando a reflexão do início deste texto, o Psicodrama, por que não? É um exemplo de como o debate acadêmico ganhará, deixando a polarização e organizando-se em uma multidimensionalidade diante dos processos humanos, da formação em psicologia e da construção de suas propostas terapêuticas.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTENFELDER SILVA FILHO, L. M. . **Psicograma: Utilização do desenho em psicoterapia psicodramática**. Temas, 21, 101-127, 1981
- ANZIEU, D. **El psicodrama analítico em el niño**. Buenos Aires: Paidós, 1961.
- BUSTOS, D. **Psicoterapia psicodramática**. Buenos Aires: Paidós, 1975.
- CUKIER, R.. **Psicodrama bipessoal: sua técnica, seu terapeuta e seu paciente**. São Paulo: Ágora, 1992.
- CRELIER, V. *Projeção para o futuro*. In: MONTEIRO, R. F. (org.). **Técnicas fundamentais do psicodrama**. São Paulo: Editora Brasiliense, pp. 85-91, 1993.
- FONSECA, J. **Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno**, 7ª ed. rev.. São Paulo: Ágora, 2008.
- _____. **Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo**. São Paulo: Ágora, 2000.
- _____. **O uso de Elementos Lúdicos em Psicodrama**, Apostila distribuída pela Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP). 1973.
- FOX, J. **O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade**. São Paulo: Ágora, 2002.
- GUIMARÃES, L. A. **Aspectos teóricos e filosóficos do psicodrama**. [Versão Eletrônica]. Disponível em: <<http://www.febrap.org.br>>. Acesso em 5 de set.2010.
- Kaufman, A. O jogo em psicoterapia individual**. **Revista da Febrap**, ano 1, nº 2, PP. 82-86, 1978.
- MARX, K. **Sociologia**. IANNI, O. (org.). (M. E. Mascarenhas, I. Andrade & F. N. Pellegrini, trad.). São Paulo: Ática,1979.
- MESQUITA, A. M. O. **O psicodrama e as abordagens alternativas ao empirismo lógico como metodologia científica**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20, pp. 32-37, 2000.
- MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 16ª ed., 2008.
- MORIN, E. **A religação dos saberes. O desafio do século XXI**. F. Nascimento, trad. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- Naffah Neto, A. Psicodrama: descolonizando o imaginário**. São Paulo: Plexus Editora, 1997.

Ciro de Oliveira Gonçalves e
 Vannúzia Leal Andrade Peres
 Centro de Atendimento e
 Estudos em Psicodrama
 Rua 114, 183,
 St. Sul, Goiânia - Goiás
 Telefones (62) 3241-3503 / 3432-0492
aep.goiania@gmail.com